



Azul é a Cor Mais Quente: O Romance na Óptica do Existencialismo Pregado por Sartre¹

Anne NUNES²

Flora FERNANDES³

Luiz Antonio MOUSINHO⁴

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

Resumo: O filme *Azul é a Cor Mais Quente* traduz questões importantes para a atualidade. Este artigo tem como objetivo analisar de maneira reflexiva e crítica o filme dirigido por Abdellatif Kechiche, que se trata de um romance com demasiada originalidade e realidade francesa, e que utiliza o existencialismo como base para muitos pontos e reflexões travados ao longo do enredo. A descoberta dos desejos sexuais, dado através das protagonistas, Adèle e Emma, geram debates importantes para uma juventude que precisa lidar com o diferente. Relacionamos e analisamos a partir da premissa de Sartre sobre existencialismo e liberdade, do qual, é marca essencial do filme. Em termos conclusivos, trata-se de uma obra marcante, ousada e atual, que traz em cena o desejo, a descoberta e a liberdade.

Palavras-chave: Romance; Existencialismo; Sartre; Homossexualidade.

Introdução

O filme *La vie d'Adèle*, traduzido para *Azul é a Cor Mais Quente*, é uma adaptação da novela gráfica de Julie Moroh, intitulada 'Le bleu est une couleur chaude', e nos mostra de forma simples e real o romance entre duas personagens, Adèle e Emma, ambas com uma forte carga emocional. Através de suas performances nos mostram sentimentos que trazem identificação com o cotidiano, com o relacionamento atual – não necessariamente um relacionamento homossexual – sentimentos comuns que são postos de maneira real ao longo dos 177 minutos de duração propostos pelo diretor Abdellatif Kechiche, e merecedor do Palma de Ouro em Cannes.

O enredo proposto pelo diretor não se rende as ilusões do romantismo, e nisso reside a sua atualidade. Ao longo do filme, as atrizes caminham com uma naturalidade deveras impressionante e que cativa o público. Através da troca de olhares, gestos e maneira de falar, elas passam essa verdade, como se entrássemos em suas vidas e de alguma maneira vivêssemos aquilo de perto. Kechiche tem um estilo cru de filmagem, que desnuda as pessoas sem pudor em situações “vulgares” e serve para a desmistificação do corpo. O mesmo procura mostrar o real, tirar as máscaras do cotidiano, e expor aspectos que são vistos como proibidos, feios, vulgares e imorais.

¹ Trabalho apresentado no IJ 04 – Comunicação Audiovisual do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

² Estudante de Graduação 7º semestre do curso de Comunicação Social, habilitação Radialismo na UFPB. Email: anne_nunes1@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo na UFPB. Email: floracmf2@hotmail.com

⁴ Orientador do trabalho, Professor do curso de Comunicação Social da UFPB. Email: lmousinho@yahoo.com.br



Vale salientar que o filme recebeu diferentes classificações indicativas por onde passou, o que para o diretor mostra que, o que é moral e a ideia do que é erótico ou pornográfico, varia de cada um de nós, e também a partir da cultura de cada localidade.

No tocante ao enredo, a ainda estudante do ensino médio e aspirante a professora, Adèle (Adèle Exarchopoulos) tenta sem sucesso inserir-se nas descobertas sexuais que a adolescência proporciona, e vê-se diante das pressões sociais e do inadequado ao ideal normativo. Em meio à agitação nas ruas da cidade, uma troca de olhares desperta seus desejos, e se inebria completamente por Emma, que acaba retribuindo a esse olhar sincero e intenso. A personagem Emma (Léa Seydoux) é mais experiente, tem a sua homossexualidade assumida e vivenciada, assim como sua vida profissional, ao estudar Belas Artes e planejar-se em relação ao mercado de trabalho na área.

A partir do imaginário erótico da personagem Adèle – em particular a cena em que sonha tendo relações sexuais com Emma – cria-se um conflito interno e inicia-se a caminhada à aceitação de seus desejos. A longa cena de sexo, em torno de sete minutos, traz ao espectador a desmistificação da relação lésbica, onde as famosas frases machistas, como “não existe sexo sem pênis”, perdem validade e vez. Apesar das atrizes terem como orientação sexual a heterossexualidade, o profissionalismo e a perfeição que atuam deixa o público perplexo. Uns julgam como desnecessário a duração das cenas justamente por terem aquele olhar *hollywoodiano* e outros tendem a apreciar a cena com naturalidade, como algo sublime e também ousado. A química entre as duas traz veracidade a história e nos faz mergulhar na subjetividade das personagens.

Grande parte da crítica retrata o filme como uma ação humana de atravessar definições preconceituosas, de quebrar a “pressuposta” existência de uma norma que estabelece padrões na sociedade e demarca limites. Pensando assim, esse filme trata nada mais do que o tema central na filosofia existencialista de Sartre, a liberdade. O homem é livre para decidir suas escolhas e responsabiliza-se por elas. O homem é responsável pelo que é.

A liberdade deveria ser azul, como é proposto. Mas o que existe entre o querer e o ter ainda estão longe, em uma linha tênue. Não que esteja longe ao ponto de nunca ser alcançado, mas ao longo dos anos temos avançado e às vezes retrocedido. Avanços em relação a alguns direitos conquistados, como o casamento gay em alguns estados, debates e aceitação por uma boa parte das pessoas, coisa antes impensável, maior aparição na mídia de temas ligados a homossexualidade e reflexões sobre a questão do gênero. Mas há também retrocessos e desafios a serem enfrentados, principalmente quando temos a religião como ferramenta de justificativa ao preconceito, uso de versículos bíblicos para negar uma orientação sexual, ou quando temos a propagação de alguns seguidores do Pastor Marcos Feliciano, eleito presidente da comissão de Direitos Humanos, em 2013 (deixando o cargo no mesmo ano, por pressão dos movimentos sociais), mas propagador de argumentos que ferem esses direitos, como “a podridão dos sentimentos dos homoafetivos levam ao ódio, ao crime, à rejeição. Amamos os homossexuais, mas abominamos suas práticas promíscuas”.

Em um artigo publicado em 31 de março deste ano, intitulado “o problema do gay” escrito por uma publicitária chamada Nathalie Vassallo, faz um apanhado sobre a forma como os homossexuais são vistos na sociedade, de um ponto de vista próprio, mas que agrega o pensamento de muitas pessoas, e está fazendo sucesso nas redes sociais. É um artigo dedicado para pessoas que dizem aceitar a homossexualidade, mas não conseguem ver com naturalidade o cotidiano de um casal homossexual. Isso



configura um preconceito velado, através de uma possível aceitação por parte de alguns, que quebram o discurso do “aceito numa boa” com cochichos ao passar por um casal gay, ao tirar uma foto e sair espalhando pelas redes sociais com frases do tipo “olha o que fulaninho está fazendo”, ou “finge que tu é homem quando a gente tiver lá”. Ou seja, pura formalidade e discurso politicamente correto.

Um dos trechos de seu artigo publicado na internet nos mostra o que passa em relação a sua família, podemos relacionar ao filme quando a personagem Adèle não se sente à vontade para assumir sua orientação sexual perante seus pais. “A verdade é que sempre há um processo - e não é fácil pra ninguém. Resolvi trazer a família inteira e parafrasear minha prima, quem uma vez escreveu: *"o clichê que 'a geração dos nossos pais não se preparou para isso'.* “*Mas a verdade é que não nascemos preparados para nada*”. É compreensível (e maravilhosamente consciente) dizer “eu tolero; ainda não aceito, mas me dê mais tempo - estou me esforçando”.

Conforme Sartre pregou, nós temos a nossa liberdade de escolha e a forma como vamos lidar ao crescermos depende de nós. Ao assumir uma identidade tem que se ter a consciência que afetará a si e ao outro, mas é uma escolha singular. Não é justo esperar a aceitação imediata de alguém, principalmente quando se trata de família, onde os pais criam expectativas e até mesmo jogam sonhos não alcançados para os descendentes. E ao imaginar os padrões estabelecidos quebrados, tornam naquilo uma angústia não só para si, como para os que o cercam. Maquiavel seria a palavra certa, ao não apresentar o namorado de um filho, ou se esconder da frase “sua filha tá namorando?”, enquanto ela namora uma menina, quando se é contra qualquer exposição na mídia, se prega que a orientação sexual deve ser guardada entre os parceiros.

É nesta perspectiva da teoria existencialista que o filme se desenvolve; o homem é responsável pelo que é e será aquilo que faz de si mesmo, tornando-se a liberdade de escolha uma das características mais fundamentais da existência humana. Assumir a liberdade é um processo doloroso, e as pessoas ficam em linha tênue entre a aceitação e a negação. No entanto, Adèle, a partir da escolha de ter um relacionamento homoafetivo sofre um processo de transformação do ser, tal como proferido por Sartre ao propagar que o homem deverá superar a angústia e desespero frente a suas escolhas. A partir de Emma, ela deixa apenas de “existir” e passa a ser responsável por seus atos, seus conceitos, suas escolhas, e, sobretudo, sua vida.

Homossexualidade em pauta

Vivemos em um sistema que forma classes dominantes, e dessa maneira a “minoridade” é excluída. No caso dos homossexuais, muitos preferem não se expor para que de forma mascarada continuem sendo bem recebidos pela sociedade. O filme aborda essa homossexualidade velada através da personagem Adèle, inicialmente ela tem dificuldade para lidar com a descoberta dos seus desejos por alguém do mesmo sexo. Cenas de preconceito são mostradas de forma primorosa pelo diretor do filme Abdellatif Kechiche, e torna-se doloroso para a personagem a rejeição por parte dos amigos e familiares, que a partir das palavras sujas com intuito de humilhação por parte do seu grupo de amigos, passa a ter preocupação em esconder dos familiares a relação amorosa com a personagem Emma.

Aversão aos homossexuais é tida como homofobia, e a maioria dos homofóbicos não se classificam como tal. Há sempre um discurso baseado na religião e de forte apelo



moral, com afirmações que bissexuais não sabem o que querem; os homossexuais são promíscuos; crianças não deveriam ser adotadas por gays, pois terão um comportamento igual; é asqueroso pessoas do mesmo sexo terem relações sexuais. E também a versão mais light da homofobia com frases do tipo “ele é tão bonito, nem parece que é gay”, “não tenho nada contra, mas...”, “tudo bem ser gay, só não precisa ficar desmunhecando por aí”, ou “não tenho preconceito, tenho até muitos amigos que são gays.”

O que ainda não é levado em conta é que ser gay não é uma opção sexual, ou muito menos doença ou crime, e sim uma orientação sexual de causa biológica, cultural e psicológica. De acordo com a filosofia existencialista de Sartre, o homem é livre para decidir suas escolhas e responsabilizar-se por elas. É responsável pelo próprio destino, que decide sobre si e sobre os outros homens. Essa liberdade que combina com responsabilidade, é sempre uma liberdade em situação. Minhas escolhas dependerão do sentido que eu atribuir aos fatos e pessoas com quem me defronto. Segundo Sartre, a história nos determina ao mesmo tempo em que a fazemos, cada indivíduo é a sua história, e só existe história se houver indivíduo.

Cada um vive singularmente, subjetivamente, através das histórias pessoais que exprime cada um da sua maneira, uma história que é de todos. Isso não quer dizer que haja uma harmonia entre os indivíduos e a história na qual ele se insere, nas quais essas intenções deveriam se concretizar. Pelo contrário, o cenário do mundo muitas vezes deforma os nossos propósitos, muitas vezes esses resultados distorcem, invertem nossas intenções. Isso é consequência em primeiro lugar que não agimos sozinhos, outros também agem e as liberdades se inter cruzam, às vezes se complementam como se estivesse em fusão, momentos em que indivíduos, grupos, e até uma sociedade inteira poderiam operar nisso, mas em outros momentos há um conflito, há uma oposição dessas liberdades, pois há diferentes projetos existenciais e históricos.

A partir da década de 1970 os procedimentos para que a homossexualidade deixasse de ser classificada como um transtorno psiquiátrico foi se acentuando. Desde então a luta contra a homofobia e aceitação dos homossexuais pela sociedade vem crescendo, e isso também varia de acordo com o país e com a cultura. Tratando-se de países latino-americanos e europeus, nas últimas décadas, tiveram um avanço nesse sentido, os jovens e demais estão tendo a liberdade de expor seus desejos e contar com o apoio dos familiares, coisa impensável décadas atrás. No filme aqui analisado, a personagem Emma é resolvida em relação a sua orientação sexual, e tem o apoio dos pais, um fator fundamental para o desenvolvimento da sua sexualidade.

A mídia tem levado as pessoas a refletirem sobre a homossexualidade através de novelas, com cenas de afeto e beijos entre personagens do mesmo sexo, ao transmitir nos telejornais a “Parada gay” como um grito por mudanças, e ao exibir programas que discutem o preconceito.

O programa “Fantástico” exibido na Rede Globo, recentemente apresentou um quadro chamado ‘Vai fazer o que’, tendo como protagonista um casal gay. Em local público o casal manifesta carinho um pelo outro, com troca de olhares e toques, o que geralmente um casal heterossexual pratica em público. Além disso, outro personagem entra em cena com atos homofóbicos, para mandar que eles parem de se comportar de tal forma. O objetivo do quadro foi ver a reação das pessoas ao passarem pelo casal vítima de homofobia, e teve como resultado algumas pessoas indiferentes, alguns que olharam de forma curiosa, outros balançaram a cabeça de forma negativa, mas em contrapartida um número razoável de pessoas interferiu para defendê-los.



Na página eletrônica do Fantástico, em um dos comentários abertos ao público de um usuário identificado como Elias Sobrinho, diz o seguinte: “Não podemos confundir homofobia com o incômodo de carícias homossexuais em público. A cena é chocante e incomodativa, se querem se acariciar vá para o privado, não nos agrida com essa pouca vergonha em público. É imoral. ” Esse argumento vem confirmar o preconceito velado de muitas pessoas que não se identificam como homofóbicas, mas que através do discurso mostra a rejeição pelo diferente.

Segundo Sartre “o homem está condenado a ser livre”, para ele nossas escolhas são direcionadas por aquilo que nos aparenta ser o bem e tendo consciência de si mesmo. O homem surge gratuitamente no mundo e desaparece do mesmo jeito. Nada o explica, não tem fundamento, não possui raízes metafísicas, nem naturais. É nessa solidão e desamparo que ele exerce a liberdade e é inevitavelmente responsável por si mesmo, e pelos outros também. Ao relacionar esses conceitos de Sartre com o filme, podemos observar a fase de descobertas de Adèle sobre sua vida, suas escolhas e sua sexualidade e em contrapartida Emma com sua sexualidade definida e o ideal de liberdade.

Azul é pura filosofia existencialista

*“O homem não é senão o seu projeto,
e só existe na medida em que se realiza”.*

Jean-Paul Sartre

Jean-Paul Sartre (1905-1980) foi um dos maiores representantes da filosofia existencialista, sendo o pensador mais influente e que melhor difundiu sua corrente filosófica no século XX. Foi através de diversas formas de linguagens, como as peças teatrais, a literatura, texto jornalísticos, textos de cunho político, roteiros de cinema, romance e a própria filosofia, que Sartre propagou concepções da teoria existencialista.

Existencialismo é um termo aplicado a escola de filósofos do século XIX e XX, onde acreditava-se que o pensamento filosófico começa a partir do sujeito humano, não meramente o sujeito pensante, mas através de suas ações, sentimentos e a vivência individual.

Em 29 de outubro de 1945, Sartre realizou uma conferência, em Paris, que deu origem ao seu livro *O Existencialismo é um Humanismo* onde defendia sua filosofia existencialista após diversas críticas por membros da Igreja Católica, membros do comunismo e intelectuais. No contexto geral, Sartre foi acusado de incitar as pessoas a permanecerem no imobilismo do desespero, de ter negado a solidariedade humana, de negar a realidade e a seriedade dos empreendimentos humanos, já que, suprimindo os mandamentos de Deus e os valores, resta a gratuidade.

Na conferência, Sartre responde a todos os questionamentos e responde por qual razão intitulou a exposição de “O existencialismo é um humanismo”. Mas antes de tudo, Sartre procurou defender e explicar o significado do termo “existencialismo”, que corresponde ao modo de ser do ser humano. Concebe-se o existencialismo como uma



doutrina que torna a vida humana possível, e declara que toda a ação e verdade implicam uma subjetividade humana.

Sartre, em seu livro *O Humanismo é um Existencialismo*, deixou claro que é preciso contrapor as regras naturais estabelecidas na sociedade de que não se deve lutar contra os poderes estabelecidos, não se deve lutar contra a força, não se devem dar passos maiores que as penas. O filósofo quis notabilizar que a doutrina existencialista dá uma possibilidade de escolha para o homem, e é este sentindo que o pressuposto máximo sartreano traz, que “a existência precede a essência” (SARTRE, 1978, p. 5). Para Sartre, o homem começa a existir, encontra a si mesmo, surge no mundo, se projeta no futuro e só posteriormente se define. É como se o homem surgisse no mundo e possuísse liberdade, mas, somente mais tarde, ele encontra sua essência. O cerne do pensamento sartreano consiste no conceito de liberdade.

Porém, se realmente a existência precede a essência, o homem é responsável pelo que é. Desse modo, o primeiro passo do existencialismo é o de pôr todo homem na posse do que ele é, de submetê-lo à responsabilidade total de sua existência. Assim, quando dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que o homem é apenas responsável pela sua estrita individualidade, mas que ele é responsável por todos os homens. (SARTRE, 1978, p. 8).

Para Sartre, o homem vive em função da sua liberdade, no entanto, como ele não está sozinho, e para o filósofo não existe um Deus para indicar o caminho certo ou errado, é necessário viver a liberdade por meio de condutas éticas, pela moral e pelo comportamento, que são definidoras dos humanos por meio da liberdade e da escolha.

As escolhas necessitam de responsabilidade, e enquanto existente há uma série de possibilidades que requer escolhas. Se a teoria de Sartre for, de fato, convicta, é certo dizer que se realmente a existência precede a essência, o homem é responsável pelo que é. O homem concebido por Sartre é nada mais do que aquilo que ele faz de si mesmo. Desta forma, o homem é submetido à total responsabilidade sobre sua existência, suas escolhas e o que elas lhe possam acarretar. A conferência se tratou de um acontecimento crucial na história da cultura francesa; muitos a definem como o nascimento oficial do existencialismo.

Segundo Emma, interpretada por Léa Seydoux: “Sartre criou uma pequena revolução intelectual que permitiu liberar toda uma geração”. O Filósofo mostrou que podemos decidir sobre nossas vidas sem precisar de nenhum princípio superior. Como Sartre diz em sua concepção, o homem é responsável pelo que é e será aquilo que faz de si mesmo. Dessa forma, não existe natureza humana, não existe um Deus para concebê-la. Sartre defende a liberdade como uma das características mais fundamentais da existência humana.

No filme, a personagem Emma ainda diz que foi através de Sartre que conseguiu a afirmação da sua liberdade e de seus próprios valores e, também, nas exigências de suas escolhas. A afirmação dessa liberdade e valores é expresso na tela de um filme poético e ousado, onde a descoberta da sexualidade se torna o maior dilema.

“O homem é tão-somente, não apenas como ele se concebe, mas também como ele se quer; como ele se concebe após a existência, como ele se quer após esse impulso para a existência. O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo: é esse o primeiro princípio do existencialismo” (Sartre, 1970). Adèle, após encontrar Emma,



passou a questionar e projetar uma nova realidade para sua vida, assim como Sartre disse, o homem é aquilo que se projeta num futuro, e tem total consciência de sua projeção.

A jovem Adèle vivia imersa sobre sua vida, parecia não compreender e não se identificar com o espaço que ocupava. Nada existia antes do projeto que ela criou que seria sua compreensão sobre sua homossexualidade a partir do relacionamento amoroso com Emma, apesar de, no filme, a sua afirmação como homossexual não ser explícita. Para Sartre, na peça teatral *Entre Quatro Paredes* o sujeito se reconhece que é tal como o Outro o vê, a realização sexual no outro que lhe é semelhante, é como se, desta forma, Adèle estivesse vendo a si, a sua idealização de liberdade, na Emma, sua companheira.

Mas como um encontro de olhares com uma jovem de cabelos azuis é capaz de modificar toda uma vida e transformar o “ser” de Adèle? O filme trata explicitamente sobre o processo de formação do ser, tal como proferido por Sartre. O homem, livre, criador de valores e significações, deverá superar a angústia e o desespero pertinentes as suas escolhas.

A experiência do *Olhar* está descrita na obra de Sartre *O Ser e o Nada*, mas precisamente no item IV: *o olhar*, onde diz que a experiência do encontro com o Outro se dá pelo olhar. No plano da existência, a experiência decisiva no encontro com o Outro é o olhar. O ato de ver e ser visto é o momento em que as duas consciências efetuam o reconhecimento, que é recíproco. Para Sartre, é a partir do olhar com o Outro que se constituem as relações, é através do olhar que o ser está ligado com o mundo, e é por meio do olhar que o homem percebe a existência do Outro. É também através do olhar que se atribuem valores e julgamentos. A relação entre o homem e o Outro se dá de forma instantânea através do olhar.

A partir desta colocação, é possível afirmar que o conhecimento de si é uma questão de ordem individual e coletiva, ou seja, buscar o fundamento de si passa, necessariamente, pela existência do outro. E foi a partir do encontro com Emma que Adèle passou a viver o processo de formação do ser, foi a partir do Outro que Adèle passou de “apenas existir” a “total responsável por suas escolhas e sua vida”. Essa passagem do individual para o coletivo, que o diretor Tunisiano Abdellatif Kechiche procura trazer constantemente, é essencial, pois o filme expõe o desafio de explorar o mundo e de encontrar-se e identificar-se no outro.

Um dos pressupostos sartreano é de que o homem é lançado, e conseqüentemente surge no mundo, desde o seu nascimento o homem é livre. E é por meio da sua existência, através do seu viver, que o homem vai tomando forma e caracterizando a sua essência. O homem vai se determinando no mundo por meio de suas escolhas e principalmente por viver de forma plena a sua liberdade. Para Sartre, “a liberdade é o fundamento de todas as essências, posto que o homem desvela as essências intramundanas ao transcender o mundo rumo às suas possibilidades próprias” (Sartre, 2009, p. 542)

Para Sartre, o que caracteriza o homem livre são primeiramente suas escolhas, em seguida suas ações que determinam o seu caminho, por meio de seus projetos, e finalizando, a responsabilidade que surge através das decisões e escolhas do homem, que o levarão a atingir o seu objetivo. O homem livre para Sartre é aquele que escolhe decidir e agir por suas próprias vontades, sem nenhum determinismo superior. Portanto, Ser é nada mais que agir.

A escolha é possível, em certo sentido, porém o que não é possível é não escolher. Eu posso sempre escolher, mas devo estar ciente de que, se não escolher, assim mesmo estarei escolhendo. Isso, se bem que pareça estritamente formal, tem suma importância, pois limita a fantasia e o capricho. Se, de fato, perante determinada situação – como, por exemplo, a situação que me define como um ser sexuado, podendo ter relações com um ser de outro sexo, podendo ter filhos – sou obrigado a escolher uma atitude e, de qualquer modo, sou responsável por uma escolha que, engajando a mim mesmo, engaja também toda a humanidade, mesmo sem nenhum valor *a priori* determinar a minha escolha, esta nada terá a ver com o capricho. (SARTRE, 1978, p. 13).

Azul é a Cor mais Quente reflete na afirmação da filosofia sartreana, a Adèle inicial apenas existe, e “vive” sem sentido, sem prazer, mas, com o decorrer da história e de seu relacionamento com Emma, percebe-se sua transformação pessoal. Essa mudança retrata claramente a máxima Sartreana de que a existência precede a essência, sendo regida a partir das escolhas feitas por Adèle e da responsabilidade que elas evocam.

No filme, Adèle escolheu ir a uma boate na tentativa de encontrar a jovem de cabelos azuis, pela qual criou uma espécie de devoção, ao vê-la abraçada a outra mulher, na rua, em meio a outras pessoas. Aquela cena, para Adèle, talvez tenha sido o seu ideal de liberdade, mesmo que inconscientemente. Para o filósofo Sartre, é através da escolha que o homem constrói o seu próprio ser e o seu mundo. A partir dessa escolha individual, de si mesmo, o homem pode escolher suas atitudes, seus objetivos, a moral e os valores que irá seguir por diante, no decorrer de sua existência. Em *O existencialismo é um Humanismo* Sartre designa que

Ao afirmarmos que o homem escolhe a si mesmo, queremos dizer que cada um de nós se escolhe, mas queremos dizer também que, escolhendo-se, ele escolhe a todos os homens. De fato, não há um único de nossos atos que, criando o homem que queremos ser, não esteja criando, simultaneamente, uma imagem de homem tal como julgamos que ele deva ser. Escolher ser isto ou aquilo é afirmar, concomitantemente, o valor do que estamos escolhendo, pois não podemos nunca escolher o mal; o que escolhemos é sempre o bem e nada pode ser bom para nós sem o ser para todos. (SARTRE, 1978, p. 67).

O homem é livre para escolher o que quiser fazer de si, de sua vida. O homem é livre para escolher o seu estilo de vida, as decisões políticas que quiser tomar, o meio social em que deseja se inserir, enfim, cada escolha traz consigo responsabilidades e consequências, para nós e para os outros indivíduos. Na filosofia sartreana, somente o homem é responsável por sua vida, agindo sempre por conta própria e não através de doutrinas religiosas que, para Sartre, lhe impedem de exercer sua liberdade de forma plena.

O filme é uma demonstração cinematográfica do existencialismo sartreano. Adèle (Adèle Exarchopoulos) tem suas escolhas, seus momentos de angústias e de incertezas, da descoberta da sexualidade todos potencializados a partir do encontro com Emma, que resultou num relacionamento, onde as personagens passaram a dividir o



mesmo teto e projetar toda uma existência. O amor devoto de Adèle por Emma é condizente com a filosofia sartreana, já que o amor da jovem Adèle pela companheira pode ser entendido como um amor pela liberdade que esta (Emma) possui, contrária a condição daquela (Adèle). O relacionamento das duas jovens em nenhum momento é tratado como algo fora do comum, e passa a exercer um papel de pensar filosoficamente e de transgressão dos tabus sociais referentes à homossexualidade. Afinal, de acordo com toda a filosofia de Sartre, é correto afirmar que “o homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo”.

Considerações finais

Após os estudos realizados sobre a filosofia de Jean-Paul Sartre agregando-a ao filme *La vie d’Adele*, traduzido para Azul é a Cor Mais Quente, pode-se concluir que a história gira em torno do tema central da filosofia existencialista: a liberdade.

O filme que narra à história de duas jovens, uma é estudante do ensino médio e ainda vive na descoberta do sentido de sua existência, seus prazeres e sua sexualidade, a outra que vive sua liberdade de forma plena, estudante de Belas Artes, homossexual assumida e aceita pela família e amigos, mostra, de forma simples, natural e verdadeira a libertação das máscaras do cotidiano. A homossexualidade que, infelizmente ainda permanece sendo tratada como pecado, feio e vulgar na sociedade, é vista, no filme, como um pensar filosófico e transgressão de tabus sociais.

As duas atrizes, Adèle Exarchopoulos e Léa Seydoux, que respectivamente interpretam as personagens Adèle e Emma, de forma impecável, carregam a história com singeleza e verdade, fazendo com que o espectador penetre na narrativa e absorva todo o conceito de “ser o que é” e “decidir sobre sua própria vida, independente das circunstâncias”, como prega Sartre.

“Em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e, só posteriormente, se define.” A frase de Jean-Paul Sartre, principal pensador e divulgador da filosofia existencialista, adéqua-se, de forma precisa, ao enredo de Azul é a Cor mais Quente, filme do diretor Abdellatif Kechiche, que conquistou a Palma de Ouro, na última edição do festival de Cannes. Trata-se de uma abordagem marcada por um hiper-realismo muito próximo da veracidade da vida de tantos jovens na eminência da descoberta de sua sexualidade e da afirmação da sua liberdade.

Sartre nos ensina em sua filosofia e o diretor Kechiche potencializa em sua trama que, o existencialismo é uma doutrina que torna a vida possível, e declara que toda ação e verdade implicam uma subjetividade humana. Essa filosofia nos dá uma possibilidade de escolha, frente a um destino que nos é empregado e imposto a partir de dogmas religiosos. Em Sartre, o pressuposto máximo do existencialismo é de que “a existência precede a essência”, ou seja, o homem começa a existir, encontra a si mesmo, surge no mundo, se projeta no futuro e só posteriormente se define. Temos a liberdade para discernir sobre nossa vida, e a partir das escolhas que fazemos, encontramos nossa essência. Implica dizer que as escolhas envolvem responsabilidades, pois, estas, afetarão a si e ao Outro.

Mesmo que de forma singela e sem tomar partido, o filme traz o problema da desigualdade social, os conceitos familiares sobre a homossexualidade, e a própria questão da homofobia entre os jovens. Um artigo publicado em 31 de março deste ano,



intitulado “o problema do gay” escrito pela publicitária Nathalie Vassallo, mostra a partir de um apanhado a forma como os homossexuais são vistos pela sociedade, conclui que muitas pessoas dizem aceitar a homossexualidade, mas não conseguem ver com naturalidade o cotidiano de um casal homossexual. O filme trata de um tema que inevitavelmente diz respeito a uma questão muito passível de discussão, como é o relacionamento homossexual.

Adèle escolheu por não ser mais criança e buscou esse crescimento agindo, vivendo e recusando a inação. Cada momento vivido, seja ele positivo ou negativo, faz parte de um processo iniciático que lhe permite amadurecer. Embora seja afetuoso como só filmes franceses conseguem ser, *Azul é a Cor Mais Quente* não se rende às ilusões do romantismo, e nisso reside sua atualidade.

O azul, que no filme corresponde ao amor, tanto pode desvanecer como a tinta do cabelo como impregnar-se e perdurar-se para além do imaginável. *Azul é a Cor Mais Quente* trata de forma simples e ao mesmo tempo intensa a descoberta do primeiro grande amor e de mergulhar de cabeça no êxtase do desconhecido.

REFERÊNCIAS

SARTRE, Jean-Paul. **Existencialismo é um Humanismo**. (Coleção Os Pensadores – vol. XLV). São Paulo: Editora Abril Cultural, 1978.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**: Ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis. RJ: Vozes, 2009.

SARTRE, Jean-Paul. **Sartre vida e pensamentos**. São Paulo. Editora Martin Claret, 1998.

SILVA, Cléa Gois. **Sartre: a questão do outro**: o olhar. Revista brasileira de Filosofia, v. 43, n. 184.

Sites visitados:

BIANCHINI, Lia. **Azul é a cor mais quente**: o romance existencialista do ano. 2013. Disponível em <http://lounge.obviousmag.org/toda_prosa/2013/12/azul-e-a-cor-mais-quente.html#ixzz2wsxiJ4xH>. Acesso em 31 de mar de 2014.

HESSEL, Marcelo. **Azul é a cor mais quente**: crítica. 2013. Disponível em <<http://omelete.uol.com.br/festival-de-cannes/cinema/azul-e-cor-mais-quentecritica/#.Uz7x4PldWAX>>. Acesso em 28 de mar de 2014.

MOURA, Carlos Eduardo de. **Sartre e a consciência no processo da construção de si**: o “Eu” como valor e projeto. 2011. Disponível em <<http://www.ufscar.br/~semppgfil/wpcontent/uploads/2012/05/carloseduardomoura.pdf>>. Acesso em 29 de mar. de 2014.

OLIVEIRA, Paulo Roberto de. **A liberdade como horizonte ético no existencialismo de Jean Paul Sartre**. 2013. Disponível em <<http://www.faculdadejesuita.edu.br/documentos/191213-swrVsbSxLrXHv.pdf>>. Acesso em 30 de mar. de 2014.



RIBEIRO, Marcelo. **Azul é a cor mais quente:** alguns fragmentos analíticos. 2014. Disponível em: <<http://www.incinerrante.com/textos/azul-e-a-cor-maisquente#axzz2xOwOIzNe>>. Acesso em 24 de mar. de 2014.

VASSALLO, Nathalie. **O problema do gay.** 2014. Disponível em <http://www.brasilpost.com.br/nathalie-vassallo/o-problema-do-gay_b_5044958.html>. Acesso em 1 de abr. de 2014.

<http://devir.wordpress.com/2009/12/01/jean-paul-sartre-e-a-primeira-liberdade/>. Acesso em 25 de mar. de 2014.

<http://cabinecultural.com/2013/12/10/azul-e-a-cor-mais-quente/>. Acesso em 26 de mar. de 2014

<http://criticos.com.br/?p=4397>. Acesso em 26 de mar. de 2014.

<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2013/09/apenas-duas-pessoas-agem-ao-ver-cena-de-homofobia-em-vai-fazer-o-que.html> Acesso em 1º de abr. de 2014.